

Política



Supremo
Críticas à corrupção marcam posse de Cármen Lúcia. Pág. A8

COLUNA DO ESTADÃO

ANDREZA MATAIS
MARCELO DE MORAES
COLUNA@ESTADAO.COM
POLITICA.ESTADAO.COM/BLOGS/COLUNA-DO-ESTADAO/

Discursos no STF estão afinados com Lava Jato

Os discursos cheios de recados na posse da ministra Cármen Lúcia na presidência do Supremo Tribunal Federal (STF) são um prenúncio do que está por vir na Lava Jato e outras operações desse porte tocadas pela PF e pelo Ministério Público. Investigadores que acompanharam os pronunciamentos dos ministros Cármen Lúcia e Celso de Mello e do procurador-geral, Rodrigo Janot, defendendo punições severas aos “indignos do poder”, garantem que não foi à toa. Estão conectados com as investigações que avançam de forma silenciosa.

» **O corpo fala.** Enquanto Celso de Mello discursava, o presidente Michel Temer não olhou para ele. O ex-presidente Lula passou o tempo todo mexendo no bigode e o governador de Minas, Fernando Pimentel (PT), coçando a orelha.

» **Vida de ex.** Lula ficou cerca de 15 minutos esperando o carro oficial chegar para buscá-lo após a posse no STF. Incomodado com a demora, disse que teria sido mais fácil pedir um táxi, mas mesmo assim não aceitou a carona oferecida pelo ex-presidente José Sarney.

» **Alô, alô.** Questionado se está fazendo muita campanha política, Lula negou. Disse que está fazendo um tratamento para a voz.

» **Olha ele!** A presença do advogado Marcelo Cerqueira, que se recupera de um acidente, no STF foi tão festejada quanto a posse de Cármen Lúcia. Ele e Carminha, como a chama, se conhecem de longa data. José Serra e os ex-ministros Eros Grau e Nelson Jobim se emocionaram ao verem o amigo.

» **Próximo passo.** Passada a longa novela da cassação de Eduardo Cunha, os adversários do peemedebista já têm uma campanha para substituir o “Fora, Cunha!”. Agora, querem lançar o “Delata, Cunha”, um estímulo para que o ex-presidente da Câmara conte o que sabe para a Operação Lava Jato.

» **Marcação cerrada.** Em busca de quórum, opositores de Eduardo Cunha monitoraram durante toda a tarde de ontem a chegada de deputados a Brasília. Sabiam de cor os horários de chegada dos voos.

» **Cinqüentão.** O governo aproveita o aniversário de 50 anos do FGTS, completado nesta terça-feira, para tentar desfazer o mal-estar de que poderá mudar as regras do maior fundo da América Latina.

» **Pressão.** Os auditores fiscais da Receita do Estado de São Paulo escolhem hoje o nome que irão indicar para coordenador da Administração Tributária (CAT). O governo estadual, porém, não reconhece o pleito.

RICARDO STUCKERT/INSTITUTO LULA



» **CLICK.** Lula levou seu fotógrafo particular para a posse de Cármen Lúcia. Ricardo Stuckert vestiu uma capinha sobre o ombro como a dos assessores da Corte para circular em área restrita.

» **Audiência.** Aliados de Celso Russomanno atribuem ao tempo de propaganda na tevê o crescimento de Marta Suplicy e João Dória nas pesquisas em São Paulo.

» **Fora do ar.** Russomanno achava que seu tempo seria suficiente para resistir. Mas viu que os adversários aparecem mais do que ele.

» **Encontro.** A senadora Kátia Abreu e a ministra do TSE, Luciana Lóssio, querem reunir mulheres do Congresso e Judiciário para discutir questões eleitorais. Devem marcar um jantar organizado pela senadora.

COM DANIEL CARVALHO E MARIANA DIEGAS. COLABOROU BEATRIZ BULLA.



» **SINAIS PARTICULARES.** Eduardo Cunha e Dilma Rousseff, ex-presidentes da Câmara dos Deputados e da República

BOMBOU NA INTERNET

Maria do Rosário
Deputada federal (PT-RS)

“Hoje é o dia da verdade, baby. E aí, colega parlamentar? Vossa Excelência, que condenou a Dilma sem provas, vai absolver o Eduardo Cunha?”

Congresso. Após o mais longo processo de cassação, ex-presidente da Casa diz que atual governo se associou ao PT e avisa que, se tiver algo a dizer sobre Temer, vai falar

Câmara cassa mandato de Cunha por 450 votos a 10

DIDA SAMPAIO/ESTADÃO



Desfecho. Cunha deixa o plenário da Câmara após aprovação do parecer que pedia cassação de seu mandato, em Brasília

BRASÍLIA

O deputado afastado e ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha (PMDB-RJ) teve ontem o mandato cassado por 450 votos a favor, dez contra e nove abstenções. A decisão do plenário encerrou o mais longo processo de cassação na Casa – no total, 336 dias após a apresentação por quebra de decoro. O peemedebista é o segundo parlamentar a sofrer condenação política na esteira da Operação Lava Jato. Antes dele, o ex-senador Delcídio Amaral (sem partido-MS) também já havia sido cassado.

Responsável por levar adiante o pedido de impeachment da presidente cassada Dilma Rousseff em dezembro, o peemedebista não resistiu a seu esvaziamento político desde que o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou, de forma inédita, em maio deste ano, o seu afastamento das funções parlamentares. Cunha foi acusado de usar o cargo para obstruir as investigações do Conselho de Ética.

O resultado final da votação no plenário refletiu o isolamento do peemedebista. Foram quase 200 votos a mais do que o mínimo necessário (257) para a aprovação da cassação do mandato.

Cunha acusou o governo do presidente Michel Temer de ter responsabilidade na perda de seu mandato (*mais informações na página ao lado*). Disse que o Palácio do Planalto, quando aderiu à eleição de Rodrigo Maia (DEM-RJ) para o comando da Câmara – em julho, derrotando o candidato apoiado por ele, Rogério Rosso (PSD-DF) –, se associou ao PT para cassá-lo. Réu em processos na Lava Jato, o peemedebista negou que fará delação premiada, mas disse que, no dia em que tiver algo a dizer sobre Temer, vai falar.

Ficha-suja. Cunha foi alvo de representação da Rede e do PSOL. As duas legendas o acusaram de quebrar o decoro parlamentar ao mentir por ter dito que não possuía contas secre-

* **CENÁRIO: Caio Junqueira**

Um espaço em busca de alguém para ocupar

A cassação de Eduardo Cunha (PMDB-RJ) abre um significativo espaço de poder na política nacional. A despeito da efemeridade, o peemedebista foi o presidente da Câmara dos Deputados mais poderoso desde Ulysses Guimarães (PMDB-SP).

Seu ocaso político deixa sem um grande líder uma Câmara contraditória. Por um lado, tem o maior nível de fragmentação partidária desde a redemocratização e está acuada com o avanço da Lava Jato sobre cerca de 10% de seus integrantes. Por outro, desde a Constituinte de 1988, ela, junto do Senado, não demonstrava tanto poder sobre o Planalto. Há tempos não se via um Congresso que força um presidente da República a seguintes recuos e recuos dos recuos.

No Senado, porém, o jogo de forças entre os próceres do PMDB e do PSDB acer-

ca da agenda a ser seguida pelo governo mostrou por onde a disputa por esse protagonismo legislativo se dará. Na Câmara, a cassação de Cunha intensifica uma disputa por seu espólio com desfecho ainda incerto.

Sem lideranças nacionais, as chances maiores são de que surjam pequenos polos de poder para além do embate entre antiga oposição (PSDB, DEM, PPS e PSB) e Centrão (PSD, PTB, PR, PP e outros menores) que se configurou na eleição de Rodrigo Maia (DEM-RJ) para presidente da Casa. Qualquer que seja ele, precisará da tutela do Planalto.

Até agora, Maia, ao se posicionar como a voz de Temer, é o exemplo mais bem acabado disso. Mas o tamanho da banca do DEM (é a sétima maior, com 27 deputados), a brevidade de seu mandato e o ressentimento de setores do Centrão serão sempre um obstáculo para sua pretensão de ser principal parlamentar da Casa. Cunha chegou ao auge com formulário oposto. Era o antigoverno, integrava a maior bancada e agregou no seu entorno todos os setores.

tas na Suíça durante depoimento à CPI da Petrobrás, em março do ano passado.

Sem o mandato de deputado, Cunha, de 57 anos, se torna ficha-suja e ficará inelegível a até pelo menos fevereiro de 2027. Também perderá direito ao foro privilegiado e provavelmente parte das investigações contra ele que correm no STF deverá ser encaminhada ao juiz Sérgio Moro, responsável pela Lava Jato na primeira instância. A mulher de Cunha, Cláudia Cruz, e sua filha, Danielle, já são alvo da Lava Jato na primeira instância.

● Vaga

Com a cassação do deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), Marquinhos Mendes (PMDB-RJ) será efetivado na condição de titular na vaga do partido. Mendes já está no exercício do mandato.

Hostilidades. O ex-presidente da Câmara deixou o plenário sob vaias e gritos de “Fora, Cunha”, “Vai para a Papuda”, “Xô Satanás” e “Bandido”. Nem mesmo o líder do seu partido, Baleia Rossi (PMDB-SP), votou pela absolvição. No PMDB, 56 deputados votaram: 52 se manifestaram pela cassação, três se abstiveram e houve apenas um voto contra – o de Carlos Marun (PMDB-MS), maior defensor de Cunha na Casa.

Apesar de o processo ter sido marcado por manobras regimentais desde a abertura, em novembro passado, Cunha foi julgado sem sobressaltos. Mesmo em meio às eleições municipais, Maia conseguiu garantir um quórum superior a 400 deputados. Ao todo, 469 dos 513 parlamentares votaram. O resultado final foi declarado pouco antes da meia-noite. A Casa rejeitou na sessão recursos que tentavam abrandar a pena ou

até suspender a votação.

A sessão durou cerca de quatro horas e foi marcada por discursos inflamados de parte a parte. Em discurso de cerca de 30 minutos, o ex-presidente da Câmara afirmou ter sido vítima de uma retaliação por ter admitido o impeachment de Dilma.

Durante todo o dia, aliados de Cunha chegaram a ventilar a ideia de que ele poderia renunciar ao mandato para tentar adiar a votação. Ele negou as especulações, mas a intenção chegou a ser levada a Maia por interlocutores na noite da véspera do julgamento. / RICARDO BRITO, ISADORA PERON, DAIENE CARDOSO, IGOR GADELHA, FÁBIO FABRINI, ERICH DECAT, ISABELA BONFIM E JULIA LINDNER

Juiz Sérgio Moro deve julgar casos de peemedebista
Pág. A6

PLACAR

450
A FAVOR DA CASSAÇÃO

42
FALTAS

9
ABSTENÇÕES

10
CONTRA A CASSAÇÃO



» NA WEB.

NAVEGUE NO PLACAR POR NOME, ESTADO OU PARTIDO DOS DEPUTADOS

estadao.com.br/e/placarcunha

Eram necessários **257 votos** para a cassação do mandato de Cunha

OBS.: EDUARDO CUNHA E O PRESIDENTE DA CÂMARA, RODRIGO MAIA (DEM-RJ), NÃO VOTARAM

INFOGRÁFICO/ESTADÃO